

**TESTEMUNHO E NECROPOLÍTICA EM “A MOONLESS STARLESS SKY:
ORDINARY WOMEN AND MEN FIGHTING EXTREMISM IN AFRICA “DE ALEXIS
OKEOWO: UGANDA¹**

**TESTIMONY AND NECROPOLITICS IN ALEXIS OKEOWO “A MOONLESS
STARLESS SKY: ORDINARY WOMEN AND MEN FIGHTING EXTREMISM IN
AFRICA “: UGANDA**

Ana Lilia Carvalho Rocha

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

liliateacher@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8739-5786>

<http://lattes.cnpq.br/8938182052376941>

Ana Luisa Mescouto Figueiredo Barros

Graduanda de Letras Língua Inglesa pela Faculdade de Línguas Estrangeiras (FALEST) pela Universidade Federal do Pará, Campus Bragança (UFPA). Bolsista PIBIC/FAPESPA no projeto de pesquisa CRENAC - Configurações de Resistência em Narrativas Anglófonas Contemporâneas

analuisamescou@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-4730-3468>

<http://lattes.cnpq.br/0472830154593164>

Resumo: Este trabalho visa mostrar os testemunhos, a Necropolítica e os casos de estado de exceção no século XXI, por meio dos relatos de Eunice e Bosco, um casal que na África moderna foram vítimas de sequestro do LRA de Joseph kony e obrigados a realizar atos de horror, casos que estão testemunhados na obra de Alexis Okeowo. Na obra “A Moonless, Starless Sky” Okeowo traz quatro narrativas que relatam esses conflitos da África moderna: casos de estado de exceção, escravidão, extremismo e violência. A obra entrelaça-se com a literatura de testemunho e a Necropolítica, mostrando a relação da literatura e a violência, as produções literárias elaboradas por sobreviventes de catástrofes históricas que expõem o que foi vivido. A fortuna crítica usada para nortear as pesquisas para o trabalho refere-se aos autores Valéria de Marco, com seu trabalho sobre “A literatura de testemunho e a violência de Estado”, Tânia Sarmiento-Pantoja com seu artigo sobre “A quatro mãos com medusa: Escrita Do medo no (sobre) O ESTADO DE EXCEÇÃO”, Wilberth Salgueiro com seu trabalho “O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap)” e Achille Mbembe com seu conceito sobre necropolítica.. Este trabalho foi desenvolvido pelas orientações recebidas no projeto de pesquisa CRENAC - Configurações de Resistência em Narrativas Anglófonas Contemporâneas

Palavras-chave: Testemunho. Literatura de Testemunho. Estado de exceção. Necropolítica. Resistência.

Abstract: This work aims to show the testimonies, Necropolitics and cases of state of exception in the 21st century, through the reports of Eunice and Bosco, a couple that

¹ Trabalho desenvolvido com o apoio do Programa PIBIC/UFPA.

Building the way

in modern Africa were victims of the LRA kidnapping of Joseph Kony and forced to carry out acts of horror, cases that are witnessed in the work of Alexis Okeowo. In the work “A Moonless, Starless Sky” Okeowo brings four narratives that relate these conflicts in modern Africa: cases of state of exception, slavery, extremism and violence. The work intertwines with testimonial literature and Necropolitics, showing the relationship between literature and violence, the literary productions elaborated by survivors of historical catastrophes that expose what was experienced. The critical fortune used to guide the research for the work refers to the authors Valéria de Marco, with her work on “Testimonial Literature and State Violence”, Tânia Sarmiento-Pantoja with her article on “The four hands with medusa : Writing From fear in (about) THE STATE OF EXCEPTION”, and Wilberth Salgueiro with his work “What is testimonial literature (and considerations around Graciliano Ramos, Alex Polari and André Du Rap)”. This work was developed based on the guidelines received in the research project CRENAC - Configurations of Resistance in Contemporary Anglophone Narratives.

Keywords: Testimony. Literature of Testimony. State of Exception Necropolitics. Resistance.

Considerações iniciais

A obra “*A moonless starless sky*” de Okeowo, traz as narrativas dos casos de estado de exceção que ocorreram no século XXI na África moderna, especificamente nesta análise, em Uganda, onde a jornalista Alexis Okeowo coletou os testemunhos do casal Eunice e Bosco, que foram vítimas do *LRA*(*Lord’s Resistance Army*) e por conseguinte do estado de exceção que se consolidou na região pelos grupos terroristas e suas ações bárbaras. Além de relacionar os acontecimentos com o conceito de Necropolítica, Testemunho e a literatura de testemunho, trazendo esses relatos como testemunhos ao longo da narrativa, moldando esses ocorridos como resistência através dos testemunhos em torno dos fatos.

Este trabalho está amparado na fortuna crítica dos autores Valéria de Marco, com seu trabalho sobre “A literatura de testemunho e a violência de Estado”, Tânia Sarmiento-Pantoja com seu artigo sobre “A quatro mãos com medusa: Escrita Do medo no (sobre) O ESTADO DE EXCEÇÃO” e “Fora da caixa. Resistência como desvio “, Wilberth Salgueiro com seu trabalho “O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap)” e Achille Mbembe com seu conceito sobre Necropolítica.

Para Wilberth Salgueiro, a testemunha será a pessoa e o testemunho é o relato, especificamente o sobrevivente, ou seja, o testemunho na narrativa são os relatos produzidos pelos sobreviventes, Eunice e Bosco. Segundo Jeanne Marie Gagnebin temos a testemunha solidária, sendo aquela que consegue ouvir o testemunho do outro, que leva a história que ouviu e consegue transmitir esses testemunhos adiante (Salgueiro apud Gagnebin, 2006, p. 57). Na obra temos o jornalista Alexis Okeowo fazendo esse papel de transmissão desses relatos vividos por Eunice e Bosco, relatando o que essas pessoas sofreram, colaborando para que os atos que levaram a esses testemunhos pelos quais essas pessoas passaram não se repitam.

A literatura de testemunho, segundo Valéria de Marco é produzida por sobreviventes de catástrofes históricas, que buscam relatar o que foi vivido, na obra o evento histórico ocorrido foi a guerra civil da Uganda contra o governo, o que levou às barbáries vividas e relatadas no capítulo. Assim apresenta-se a literatura de testemunho como essa relação entre a literatura e a violência. Além disso, na narrativa tem o editor que é a pessoa que vai elaborar o discurso do sobrevivente, que em suma são excluídos ou marginalizados na sociedade.

A arte da catástrofe e o medo, para Tânia Sarmiento-Pantoja, no qual temos reflexões sobre o horror, medo, traumas e a arte do terror, concentrando-se em buscar pontos relacionados. Na narrativa, vamos ter o medo inserido nas ações que tiveram que fazer para sobrevivência e pelo que passaram, o trauma transgeracional e a arte da catástrofe gerando essas relações.

Ademais, usa-se o método da literatura comparada para nortear tal pesquisa. Para Tânia Carvalho (1986) não é apenas uma comparação pelo procedimento em si, mas seria um recurso interpretativo e analítico, possibilitando esse tipo de comparação ser uma exploração adequada para os estudos literários e seus campos de trabalho. Assim, compreende-se que a partir da literatura comparada vamos fazer uso da literatura juntamente com outras áreas do conhecimento para realizar essa comparação, como neste trabalho que temos a presença de áreas da filosofia, história e a própria literatura com suas ramificações.

Desenvolvimento

Building the way

Alexis Okeowo é jornalista e faz reportagens majoritariamente sobre os conflitos e as violações de direitos humanos que ocorrem na África, no México e no sul dos Estados Unidos. Okeowo foi considerada uma das melhores correspondentes de guerra pelo *The New York*. Ela continua fazendo essas reportagens em zonas de conflito para tentar dar essa voz para os oprimidos e subalternos, expor as violações de direito que essas pessoas passam através dos seus testemunhos e colocá-los em evidência como forma de resistir e resistência na vida dos sobreviventes. Okeowo é filha de nigerianos e cresceu na África ocidental, local onde foi testemunha solidária dos diversos casos de conflitos ocorridos, como neste trabalho, no continente africano, após a guerra civil em Uganda.

Bárbara Harlow ao propor uma teorização sobre a resistência a partir de um plano histórico que engloba o processo colonial na contemporaneidade, enfatiza alguns continentes em que ocorreram conflitos e processos opressivos ao longo do século XX, como, especialmente, o caso do continente africano, sobre o qual Harlow se detém com maior ênfase (Sarmiento-Pantoja, 2023, p.169)

Para Tânia Sarmiento-Pantoja(2023), teremos também uma outra forma de resistência, a resistência como fratura. Para tal, essa forma de resistência é estar nesse domínio da chamada fratura fundadora, pois o lugar que está ocorrendo essa resistência é um lugar que está causando estranhamento para quem foi fraturado pelos acontecimentos que levaram a resistir nesse local.

Penso que a fratura, mesmo quando se torna morte, é um ponto intenso que se desloca para além ou à margem de uma sacralidade. Tem a potência da luz, do fogo, do escorpião que comprime o corpo para inocular melhor o veneno. Estar na resistência é estar sob o domínio da fratura fundadora de um desvio, porque o lugar sagrado é justamente aquele onde não é mais possível estar, ao nos posicionar perante uma relação estranhada – consigo mesmo, com o outro ou com o todo que o cerca – capaz de nos fazer derivar, de nos fazer estar-fora, em um outro lugar, outsider, fora-da-caixa: lugar onde não mais é possível apenas agir ou pensar fora dos padrões, mas desenvolver o desvio como coisa escolhida e sobre a qual damos corpo com nosso corpo fraturado, tornando-a coisa per-formatizada. A fratura é desse modo também desvio e ao corpo fraturado segue-se o corpo insubmisso, desviado. (Sarmiento-Pantoja, 2023, p.173)

Na narrativa, os testemunhos apresentados são de Eunice e Bosco, que relatam o que passaram depois de serem sequestrados pelo *LRA(lord 's resistance*

army) ou exército de resistência do senhor .Eunice conheceu Bosco nas florestas do sul do Sudão, em 1996. Sequestrada pelo *LRA*, fundado por Joseph Kony em 1987, o *LRA* invadia aldeias no norte da Uganda e sequestrava as crianças, esse conflito é um dos mais extensos da África, no qual ele tem impactos até os dias atuais. O *LRA* é acusado de violações, mortes e estupros. Eunice tinha apenas 15 anos quando foi sequestrada, ela estava visitando sua irmã mais velha em um internato quando os rebeldes invadiram o local. Os homens, que em maioria se observarem mais de perto eram meninos ainda, obrigavam as meninas a caminharem pelas florestas com eles, por semanas enquanto realizavam atividades domésticas para eles.

Mais homens surgiam no local e selecionavam as meninas pelas mais bonitas. Bosco havia sido sequestrado também, e se sentia abalado pelos inúmeros crimes, sequestro e assassinatos que teve que realizar para sua sobrevivência, quando ele viu Eunice começou a imaginar uma vida com ela. Eunice foi obrigada a deixar sua casa para ir com os soldados e servi-los, sendo sujeitada a realizar atos de horror pois era ameaçada. Em um de seus relatos, Eunice conta que foi forçada a cortar a mão de uma pessoa pois os soldados alegavam que se ela não fizesse seria morta:

Ele disse a Eunice para cortar a mão da mulher com um facão. “Eu me senti tão mal. Mas eles me disseram que se eu não fizesse isso, eles me matariam”, disse ela. “Então eu descobri a força para fazer isso porque eu não queria morrer.” (Okeowo, 2017, p. 24, tradução nossa).²

Bosco relata que quando foi sequestrado, ele e sua família se escondiam na mata para não serem pegos, porém os soldados os encontraram e capturaram Bosco, que foi obrigado a servir e realizar torturas contra sua vontade. Nesse contexto, pode-se observar a literatura de testemunho dentro da obra, os testemunhos feitos por eles e transmitido por um terceiro, e a relação nítida que ocorre entre a literatura e a violência.

Outrossim, O letrado – editor/organizador do texto – é solidário e deve reproduzir fielmente o discurso do outro; este se legitima por ser

² .“He told Eunice to cut the woman’s hand off with a machete. “I felt so bad. But they told me if I didn’t do it, they would kill me,” she said. “So I found the strength to do it because I didn’t want to die.”

Building the way

representativo de uma classe, uma comunidade ou um segmento social amplo e oprimido (De Marco, 2004, p. 2).

Dentro da narrativa, temos a jornalista Alexis Okeowo trazendo esse discurso do outro, onde esse outro está em uma posição inferior na posição que se encontra, seja por raça, gênero, religião entre outros pois este outro é um excluído das esferas de poder e saber na sociedade (De Marco, 2004, p.3). Okeowo testemunha que tentou falar com os sobreviventes e expressar o máximo de sensibilidade e solidariedade para reproduzir os testemunhos de Eunice e Bosco, além de tentar expressar o quão ela achava terrível o que passaram, que ela tenta imaginar as experiências terríveis que eles passaram, mas de qualquer modo ela ainda estava estimulando-os a voltarem ao passado e lembrar de todo horror e dor que testemunharam durante os tempos que foram sequestrados pelo LRA:

Tentei falar com os dois com o máximo de sensibilidade que pude e expressar-lhes o quão erradas e terríveis eu achava que suas experiências haviam sido, mas ainda estava pedindo-lhes que contassem o horror e a dor. (Okeowo, 2017, p. 107, tradução nossa)³

Nessa conjuntura, temos os testemunhos sendo construídos nesse sentido de conceder notoriedade aos relatos desses sobreviventes, que estão a todo momento colocados de lado na história, tendo suas vivências ocultas e com esse poder de contar o que passou, ou seja, o seu testemunho, vem à tona e mostra a parte não oficial da história, que só será contada pelo lado das pessoas que sofreram nas mãos de um soberano ou alguém com mais poderes para realizar atrocidades com a vida dessas pessoas, que são vidas consideradas nuas. A jornalista Okeowo traz esse caráter para obra quando concede esse lugar para os sobreviventes discorrerem seu lado da história, o que passaram, as ações que foram forçados a realizar, os seus testemunhos, no caso de Eunice e Bosco, a privação de seus direitos ao serem sequestrados pelo grupo terrorista:

Nesse Viés Outra tese recorrente é a referente ao caráter “democrático” desse modo de composição do testemunho, uma vez que ele viabiliza a entrada na cultura letrada das vozes de outras identidades, das vozes até então silenciadas, do texto produzido a

³ "I tried to talk to both of them with as much sensitivity as I could and express to them how wrong and awful I felt their experiences had been, but I was still asking them to recount horror and pain."

partir de espaços externos ao poder constituído, da interpretação “não oficial” da História (De Marco, 2004, p. 4).

Para Wilberth Salgueiro, temos alguns pontos recorrentes na literatura de testemunho, como o relato ou registro acontecendo em primeira pessoa e o compromisso com a sinceridade do relato, sendo assim, o sobrevivente testemunha o que viveu, contando a partir das suas experiências na situação ocorrida. Nota-se também o desejo de justiça e a vontade de resistência intrínseco aos testemunhos, contar o que foi passado de modo que gere alguma forma de justiça aos sobreviventes, e como forma de resistência para que não passem novamente pelos traumas.

Outro ponto recorrente na narrativa são os casos de estado de exceção e o conceito de Vida Nua. Para Tânia Sarmiento-Pantoja:

No estado de exceção à vida, e nela tudo o que a legisla, deve se adequar aos interesses ditos excepcionais. A forma de vida implicada nesse processo é a da vida nua, cujo fundamento é a violência emergente de um Soberano ou de algo ou alguém que representa uma soberania e exerce poder sobre essa vida. A suspensão das determinações jurídicas, em prol das necessidades ou mesmo da cultura do estado de exceção, geram a vida nua e está por sua vez é a condição fundamental para a emergência da catástrofe. A vida nua se apresenta desse modo também como outra condição devedora da arte da catástrofe. (Sarmiento-Pantoja, 2017, p.12)

Desse modo, Tânia Sarmiento-Pantoja exclama nessa passagem sobre as vidas nuas que são vidas na qual estão à mercê de alguém que detém poder sobre elas e suas vidas são desnudas, ou seja, corpos que não importam para quem está exercendo essa soberania. Giorgio Agamben nos traz o conceito de vida nua (Zoé), que são os excluídos de uma existência, como vidas consideráveis matáveis.

É possível, então, dar uma primeira resposta a pergunta que nós havíamos colocado no momento de delinear a estrutura formal da exceção. Aquilo que é capturado no bando soberano é uma vida humana matável e insaciable: O homo sacer. Se chamamos vida nua ou vida sacra a esta vida que constitui o conteúdo primeiro do poder soberano, dispomos ainda de um princípio de resposta para o quesito benjaminiano acerca da "origem do dogma da sacralidade da vida". Sacra, isto é, matável e insaciable, e originariamente a vida no bando soberano, e a produção da vida nua e, neste sentido, o préstimo original da soberania. A sacralidade da vida, que se desejaria hoje fazer valer contra o poder soberano como um direito humano em

Building the way

todos os sentidos fundamentais, exprime, ao contrário, em sua origem, justamente a sujeição da vida a um poder de morte, a sua irreparável exposição na relação de abandono. (Agamben, 2004, p. 91)

Os testemunhos encontrados na obra têm relação com o estado de exceção ocorrido na guerra civil da Uganda, um conflito onde alguns grupos terroristas tentaram derrubar e tomar o poder do governo ugandense, porém quem sofreu as consequências foi a população, que alguns foram sequestrados e forçados a praticar atos de barbárie como estupros, tortura e óbitos. Esse conflito é considerado um dos mais longos da história e um dos piores desastres humanitários, pois ele perdura até os dias atuais. Pode ser visto nos testemunhos, como o grupo terrorista atuava, eram grandes matanças, estupros e sequestros:

Durante mais de um quarto de século, o LRA levou a cabo uma ação sem precedentes: reinado de terror, primeiro no norte de Uganda, e depois no vizinho Sul Sudão, a República Democrática do Congo e a África Central República. A matança, a mutilação, o sequestro e o saque tornaram-se completamente divorciados do objetivo político revolucionário declarado de Kony – restaurando o domínio Acholi. Numa leitura distorcida da Bíblia, Kony instruiu os rebeldes a cortarem os lábios, orelhas e narizes de suas vítimas, para amputar seus braços e pernas se andassem de bicicleta no sábado, e qualquer outro tipo de punição medieval imaginável.⁴ (Okeowo, 2017, p.19, tradução nossa)

Nesse panorama, em “*A moonless, starless sky*” temos a forte presença da Necropolítica inserida nos testemunhos dos sobreviventes dos conflitos na Uganda, Eunice e Bosco. Conforme Achille Mbembe, a política da morte, que ele nomeia de Necropolítica, é a capacidade de determinar quem deve ou não morrer, porém esse ato de determinar é predominante nos corpos desfavorecidos, que são de raças e crenças distintas de seu soberano. Mbembe também mostra como o estado de exceção torna essa concessão entre os líderes com a política da morte, pois eles têm poder sobre a população que está vulnerável entre os conflitos, o biopoder e a

⁴ “For over a quarter of a century, the LRA carried out an unprecedented reign of terror, first in northern Uganda, and then in neighboring South Sudan, the Democratic Republic of the Congo, and the Central African Republic. The killing, mutilating, abducting, and looting had become completely divorced from Kony’s stated revolutionary political goal—restoring Acholi dominance. In a warped reading of the Bible, Kony instructed rebels to cut off the lips, ears, and noses of their victims, to amputate their arms and legs if they rode bicycles on the Sabbath, and any other kind of medieval punishment imaginable.”

relação com o estado de exceção: “relaciono a noção de biopoder de Foucault a dois outros conceitos: o estado de exceção e o estado de sítio. Examino essas trajetórias pelas quais o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar” (Mbembe, 2017, p.127). Na obra são testemunhados casos como o de Bosco, no qual relata:

Depois de horas de caminhada, os rebeldes ordenaram que as crianças se sentassem em círculo e disseram-lhes que não havia esperança de escapar. Eles empurraram o irmão de Bosco, Patrick, para o meio do círculo e o fizeram sentar. Um homem então pegou um facão e cortou uma cruz na cabeça e no peito de Patrick, matando-o. Ele então cortou a mão de Patrick e colocou-a dentro da barriga aberta do menino. Bosco sentiu-se entorpecido. Bastante espancado e em estado de choque, ele tinha certeza de que seria morto em seguida. Para assustar impedindo as crianças de fugir, os rebeldes forçaram cada criança a tirar a mão da barriga de Patrick e depois colocá-la de volta dentro. Quatro crianças recusaram e foram executadas. Bosco removeu a mão e colocou-a de volta dentro.⁵ (Okeowo, 2017, p.26, tradução nossa)

Nesse testemunho, identificava-se a presença da Necropolítica, onde os corpos dessas crianças capturadas são irrelevantes e condenados à morte por alguém que tem poder sobre esses corpos e determina o que acontece com eles e a vida nua sendo representada pelo irmão de bosco, patrick no qual tem sua vida matável pelos soldados apenas para demonstrar sua soberania sobre essas vida. A “vida nua” diz respeito à condição de total desamparo de quem é acuado numa condição vaga, destituído de seus direitos e de sua cidadania, estando compelido a viver em “estado de exceção”(MARTINS,2016,p.198).Na narrativa temos outros exemplos dessa necropolítica e das vidas nuas como ocorre em outros testemunhos dentro da obra:

Uma menina, que não era da escola, tentou escapar, e os rebeldes forçaram algumas das estudantes a espancá-la até a morte com troncos de árvores. As próprias meninas foram espancadas pelos

⁵ “After hours of walking, the rebels ordered the children to sit down in a circle and told them there was no hope of escaping. They pushed Bosco’s brother Patrick into the middle of the circle and made him sit down. A man then took a machete and cut a cross into Patrick’s head and chest, killing him. He then cut off Patrick’s hand and put it inside the boy’s open stomach. Bosco felt numb. Badly beaten and in shock, he was sure that he would be killed next. To scare the children from running, the rebels forced each child to take the hand out of Patrick’s stomach and then put it back inside. Four children refused and were executed. Bosco removed the hand and put it back inside.”

Building the way

rebeldes por qualquer motivo, inclusive por expressarem dor” (Okeowo, 2017, p. 29, tradução nossa)⁶

Dentre outros testemunhos, nota-se a presença da Necropolítica também quando as crianças foram sequestradas e forçadas a matarem outros e cometessem agressão para alistar outras crianças sendo movidos pelo medo de serem mortos:

Os rebeldes imediatamente colocaram Bosco e o resto das crianças para trabalhar, enviando-os de volta às aldeias onde cresceram para sequestrar e matar pessoas. O objetivo deles era transformar as crianças em monstros que acreditavam que, mesmo que escapassem, às suas comunidades não os aceitariam de volta. Bosco e as crianças que sobreviveram até agora estavam com tanto medo de morrer que teriam feito qualquer coisa para se salvar.⁷ (Okeowo, 2017, p. 27, tradução nossa)

Por conseguinte, o medo e o terror pelo passado seguem na vida dos sobreviventes. O trauma pelo ocorrido, a catástrofe causa inquietações: “O medo sem dúvida nos aterroriza porque aquilo que nos motiva o medo, o que nos inculca a paralisia, ao mesmo tempo nos obriga a olhar – e a reconhecer – a vulnerabilidade e o irrevogável assujeitamento que nos tornam descontínuos e imobilizados.” (Sarmiento-Pantoja, 2017, p. 8)

Além do trauma, na obra apresenta-se o trauma transgeracional, na qual alguma dor física, emocional sofrido por uma pessoa é transmitida para alguém em alguns momentos nas novas gerações:

O conceito de transgeracionalidade surge nos anos de 1950, quando o governo Alemão decide indenizar as vítimas do holocausto e, por necessidade, resolve estabelecer os critérios para efetuar a reparação. Os elementos que foram levados em conta no processo de reparação se associavam aos danos produzidos na saúde física, excluindo sintomatologia e transtornos de origem psicológica. Na efetivação da associação entre ambos os fatores, dão-se conta de uma sintomatologia específica dos sobreviventes, assim como de seus

⁶ “One girl, not from the school, tried to escape, and the rebels forced some of the schoolgirls to beat her to death with tree logs. The girls were beaten themselves by the rebels for any reason, including expressing pain”

⁷ “The rebels immediately put Bosco and the rest of the children to work by sending them back into the villages where they grew up to abduct and kill people. Their goal was to turn the children into monsters who believed that even if they escaped, their communities would not accept them back. Bosco and the kids who had survived thus far were so scared of dying that they would have done anything to save themselves.”

filhos, expressa nas manifestações de ordem psicológica como psicopatológica, propondo-se a hipótese de que os sobreviventes foram afetados em diversos graus por sua experiência traumática. (Rodríguez, 2006, p. 166)

Okeowo relata quando teve contato com esse trauma transgeracional nos testemunhos de Eunice e Bosco, no qual se expressou no filho, Edimon, afetando seu cotidiano:

Passei a acreditar que a condição de Edimon era um caso de doença transgeracional. trauma. Parecia a única causa razoável para sua recitação assustadora de palavras que Bosco recordou que suas vítimas lhe disseram antes de matá-las, apelos por misericórdia. E palavras que ele pensou que lhe diriam agora, votos de vingança por suas mortes. Mais tarde, outras explicações médicas ocorreriam para mim, como distúrbios psicossomáticos. Mas eu acreditei então que era trauma transgeracional porque pude ver como também me tornei Possuído pelas histórias de Eunice e Bosco (Okeowo, 2017, p. 111, tradução nossa).⁸

A repugnância e aversão pelo que passaram é notório nos testemunhos. Para Tânia Sarmiento-pantoja "O horror paralisa e suspende qualquer possibilidade de fala." (Sarmiento-Pantoja, 2017,p.3), na narrativa , temos esse horror paralisante acontecendo com Eunice:

Eunice estava imóvel; ela se sentiu paralisada. Ela tinha quase morrido quando os Militares de Uganda surgiram do nada e dispararam contra os rebeldes enquanto conduziam as meninas pelo mato, é a morte, ela pensou, faria mais sentido do que o que estava acontecendo com ela agora.⁹(Okeowo, 2017, p. 16, tradução nossa)

Diante do exposto, Eunice e Bosco, depois de tudo que passaram permaneceram juntos, Eunice relata que algumas mulheres não queriam continuar com os companheiros que foram forçadas a ficar nas florestas, mas Eunice decidiu

⁸ "I came to believe that Edimon's condition was a case of transgenerational trauma. It seemed the only reasonable cause for his frightening recitation of words Bosco recalled his victims saying to him before he killed them, pleas for mercy. And words he thought they would say to him now, vows of revenge for their deaths. Later, other medical explanations would occur to me, like psychosomatic disorders. But I believed then that it was transgenerational trauma because I could see how I had also become possessed by Eunice and Bosco's stories."

⁹ Eunice was still; she felt paralyzed. She had nearly just died when the Ugandan military emerged out of nowhere and fired gunshots at the rebels as they led the girls through the bush, and death, she thought, would make more sense than what was happening to her right now.

Building the way

continuar sua vida com Bosco mesmo depois de fugir e conseguir sua liberdade, eles muitas vezes se questionam como teria sido suas vidas se não tivessem sido pegos pelos soldados do LRA:

O casal pensou que a liberdade lhes devolveria a vida que Uma vez teve; eles não tinham ideia da recepção mista e, em última análise, de sua própria sentimentos contraditórios que os aguardavam. “Eu não teria escolhido isso para Eunice. Mas quando a conheci, pensei que ter mulher e filhos seria a melhor coisa”, Bosco me disse. Eunice às vezes se perguntava como seria a vida teria sido como se ela não tivesse sido levada. “Em uma vida perfeita, eu não estaria com Bosco”, disse ela. “Mas decidi me entregar a ele. (Okeowo, 2017, p. 117, tradução nossa)¹⁰

Considerações finais

Diante do exposto, no amparo das fortunas críticas de Wilberth Salgueiro e Valéria de Marco para literatura de testemunho, Tânia Sarmiento-Pantoja no estado de exceção e Achille MBembe com seu conceito acerca da Necropolítica, relata-se os casos de estado de exceção que aconteceu com a população ugandense durante a guerra civil e o que eles tiveram que se submeter para sobreviver. Assim como a Necropolítica pertinente nos testemunhos do casal, que mostra como essa sociedade na África oriental foi exposta e violada. Logo, com os testemunhos de Eunice e Bosco, capturados à força pelo LRA e obrigados a realizarem crueldades pela própria sobrevivência, é exposto a desumanidade que ocorreu e ocorre pelos grupos terroristas na região de Uganda.

Neste trabalho temos esses movimentos de resistência da África Moderna contra esse regime autoritário do estado de exceção, as vidas nuas que a partir desse estado de exceção os soberanos trataram como se não fossem importantes e a ditadura do grupo terrorista *LRA* com a população de Uganda usando o testemunho, no âmbito da literatura testemunhal intermediada por Okeowo como forma de resistência a tudo que sofreram, lutando contra o silenciamento e a domesticação.

¹⁰ “The couple thought that freedom would return to them the lives they once had; they had no idea of the mixed reception, and ultimately their own mixed feelings, that awaited them. “I wouldn’t have chosen this for Eunice. But when I met her, I thought that having a wife and children would be the best thing,” Bosco told me. Eunice wondered sometimes what life would have been like if she had not been taken. “In a perfect life, I would not be with Bosco,” she said. “But I decided to give myself to him.”

Tânia Sarmiento-Pantoja (2023) nos traz a ideia de Bosi que nos ensina que resistir é uma forma de enfrentar, lutar contra o que aflige e incomoda, extermina, oprime, abusa, fere, assedia e é a forma como geramos mecanismos para enfrentar o que nos ataca. Os testemunhos de Eunice e Bosco são formas de lutar contra esses anos que foram oprimidos violentamente sob o poder de um grupo terrorista.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG; Humanitas, 2004.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1992. 94 p

DE MARCO, Valéria. **A literatura de testemunho e a violência de Estado**. Lua Nova, n. 62, p. 45-68, 2004 Tradução.

MARTINS, Juliane Caravieri. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I, de Giorgio Agamben. **Revista da Faculdade de Direito de Uberlândia, MG**, v. 44, n. 1, p. 195-201, 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Artes & Ensaios—Revista da PPGAV/EBA/UFRJ. Rio de Janeiro, n. 32, 2016.

OKEOWO, Alexis. **A Moonless Starless Sky: Ordinary Women and Men Fighting Extremism in Africa**. New York: Hachette Books, 2017.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. A quatro mãos com medusa: Escrita Do medo no (sobre) O ESTADO DE EXCEÇÃO SARMENTO-PANTOJA, Tânia. Fora da caixa. Resistência como desvio. **MOARA—Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, n. 61, p. 165-179, 2023.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 19, n. 31, 2012.

RODRÍGUEZ, Cecilia; ESPINOZA, Adriana. A memória enquistada: uma aproximação ao trauma transgeracional. **Cadernos de Ciências Humanas-Especiaria**, v. 9, n. 15, p. 159-180, 2006.